

Memorial dos Aflitos: prática didática de um processo de projeto decolonial e afrocentrado

Memorial dos Aflitos: didactic practice of a decolonial and afrocentric design process

Memorial dos Aflitos: práctica didáctica de un proceso de diseño decolonial y afrocéntrico

RODRIGUES, Giselly Barros

Doutora, Instituto Federal de São Paulo, giselly.barros@ifsp.edu.br

RODRIGUES, Pedro Henrique de Carvalho

Mestre, Instituto Federal de São Paulo, pedrorodrigues@ifsp.edu.br

RESUMO

Procurando contribuir com o debate proposto pelo 11º Seminário Projeter sobre novas e antigas práticas do fazer projetual, especialmente no âmbito do ensino de projeto de arquitetura, apresenta-se a prática didática de um processo projetual decolonial e afrocentrado com as percepções dos autores sobre sua aplicação no ensino de Arquitetura e Urbanismo. Realizada com estudantes do segundo semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo do campus São Paulo do Instituto Federal de São Paulo, a partir do componente curricular de Projeto de Arquitetura, a prática teve como tema o projeto de um memorial no bairro da Liberdade. Ensejada pela dinâmica das constantes mudanças sociais e urbanas e aquelas intrínsecas ao próprio ensino superior, em geral, e por recentes acontecimentos na cidade, em particular, a atividade foi proposta como resistência às formas correntes de produção hegemônica e traz contribuições diversas para a concepção e realização do projeto arquitetônico. Ao problematizar a questão da contribuição negra à cultura brasileira atrelada ao desenvolvimento das cidades, além dos termos em que esses aconteceram, e resgatando a história, a memória e as identidade negras, buscou-se, com uma visão decolonial e afrocentrada, superar a segregação, promovendo o fortalecimento e a participação na preservação do legado africano e afro-brasileiro no fazer arquitetônico.

PALAVRAS-CHAVES: ensino de projeto de arquitetura; educação das relações étnico-raciais; processo de projeto arquitetônico decolonial; projeto arquitetônico afrocentrado.

ABSTRACT

Aiming to contribute to the debate proposed by the 11th Design Seminar on new and old practices of design making, especially in the context of the teaching of architectural design, this paper presents the didactic practice of a decolonial and afro-centered design process with the perceptions of the authors about its application in the teaching of architecture and urbanism. Held with students in the second semester of the Architecture and Urbanism course at the São Paulo campus of the Federal Institute of São Paulo, based on the curricular component of Architecture Project, the practice had as its theme the design of a memorial in the neighborhood of Liberdade. Caused by the dynamics of constant social and urban changes and those intrinsic to higher education itself, in general, and by recent events in the city, in particular, the activity was proposed as a resistance act to current forms of hegemonic production and brings diverse contributions to the conception and realization of the

architectural project. By problematizing the question of the black contribution to the Brazilian culture linked to the development of cities, in addition to the terms in which these happened, and rescuing black history, memory and identity, an attempt was made, with a decolonial and afro-centered vision, to overcome segregation, promoting the strengthening and participation in the preservation of the African and Afro-Brazilian legacy in architectural work.

KEY WORDS: teaching of architectural design, education of ethnic-racial relations, decolonial architectural design process; Afrocentric architectural design.

RESUMEN

Buscando contribuir al debate propuesto por el 11º Seminario de Diseño sobre nuevas y viejas prácticas de diseño, especialmente en el contexto de la enseñanza del diseño arquitectónico, este trabajo presenta la práctica didáctica de un proceso de diseño decolonial y afrocentrado con las percepciones de los autores sobre su aplicación en la enseñanza de la arquitectura y el urbanismo. Realizada con estudiantes del segundo semestre del curso de Arquitectura y Urbanismo del campus São Paulo del Instituto Federal de São Paulo, con base en el componente curricular de Proyecto de Arquitectura, la práctica tuvo como tema el diseño de un memorial en el barrio de Liberdade. Provocada por la dinámica de constantes cambios sociales, urbanísticos e intrínsecos a la propia educación superior, en general, y por los recientes acontecimientos de la ciudad, en particular, la actividad se planteó como resistencia a las actuales formas de producción hegemónicas y aporta diversos aportes a la concepción y realización del proyecto arquitectónico. Al problematizar la cuestión de la contribución negra a la cultura brasileña vinculada al desarrollo de las ciudades, además de los términos en que estos ocurrieron, y al rescatar la historia, la memoria y la identidad negras, se intentó, con una visión decolonial y afrocentrada, para superar la segregación, promoviendo el fortalecimiento y la participación en la preservación del legado africano y afrobrasileño en el trabajo arquitectónico.

PALABRAS CLAVE: enseñanza de proyecto de arquitectura, educación de las relaciones étnico-raciales; proceso de diseño arquitectónico decolonial; Diseño arquitectónico afrocéntrico.

1 INTRODUÇÃO

No início de 2018, a demolição de um prédio localizado no bairro da Liberdade, em São Paulo, revelou resquícios do Cemitério dos Aflitos, o primeiro cemitério público da cidade. Pesquisas arqueológicas localizaram ao menos sete ossadas enterradas no período entre 1775 e 1858 e levantaram a questão do apagamento dos traços da presença negra no bairro, hoje marcado pela imigração oriental. Em janeiro de 2020 foi promulgada lei que oficializou a criação do Memorial dos Aflitos na Liberdade, que reunirá as ossadas e os demais resquícios encontrados, com o objetivo de preservar o acervo arqueológico e a memória da população negra que viveu na região durante o período da escravidão. Em novembro de 2022 foi aberto concurso para escolha do projeto arquitetônico para a construção do Memorial dos Aflitos e em abril de 2023 foi divulgado o projeto vencedor. O bairro da Liberdade abrigou, no século XIX, o Largo do Pelourinho, onde eram amarrados escravizados fugitivos. Ali também ficava localizado o Largo da Força, e com a abolição da pena de morte do Brasil passou a chamar-se Largo da Liberdade. Aí também foi erguida a Capela de Santa Cruz dos Enforcados, em homenagem à memória dos soldados Francisco José das Chagas, o Chaguinhas, e Joaquim José Cotindiba, executados em 1821. No início do século XX, a chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil aos poucos configurou a feição do bairro como se vê hoje, consolidando a imagem do bairro oriental.

Nesse panorama, a busca por um ensino decolonial no curso de Arquitetura e Urbanismo nasce da necessidade de apresentar novas narrativas a partir de autores contra-hegemônicos. Para Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016), a decolonialidade reconhece a dominação colonial nas margens ou fronteiras externas e internas dos impérios, como a dos negros e indígenas no Brasil, mas não se



impões como a única e exclusiva narrativa. Os autores apontam que a decolonialidade “não se constitui num projeto acadêmico que obrigaria aqueles que a adotassem a citar seus autores e conceitos chaves, nem se constitui numa espécie de universalismo abstrato” (BERNARDINO-COSTA; GROSGOUEL, 2016). O processo de dominação imposto pela conquista e o colonialismo europeu conduziu à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento, que é uma maneira de legitimar as ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados nas quais os povos conquistados e suas descobertas mentais e culturais assumiram uma situação natural de inferioridade (QUIJANO, 2005). De acordo com Abdias do Nascimento (2002), a ciência que não serve à história do seu povo está negando-se a si mesma, sendo, portanto, uma presunção cientificista e não verdadeira. O autor ainda salienta que é necessário reinventar uma jornada afro-brasileira de vida fundada na própria experiência histórica, utilizando o conhecimento crítico e inventivo de suas instituições vítimas do colonialismo e racismo, reconstruindo no presente uma sociedade voltada ao futuro, porém considerando algo que ainda possa ser positivo e útil no passado e seu acervo.

A Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) tornou-se marco para a educação ao obrigar a inclusão da "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo oficial. Foi a Resolução nº 1, de 2004, do Conselho Nacional de Educação (CNE, 2004), que, ao instituir diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, em seu artigo 1º, estendeu o alcance a todas as instituições e níveis de ensino. Sabe-se que a operacionalização dessa legislação nos cursos de Arquitetura e Urbanismo vem se dando majoritariamente pela inclusão desses temas nos componentes de artes e história e que tem sido difícil contornar o viés eurocêntrico que usualmente os marca. E mais difícil ainda tem sido encontrar esses temas em outros componentes a partir de uma perspectiva inclusiva, crítica e decolonial.

A discussão das relações étnico-raciais no ensino de Arquitetura e Urbanismo é necessária também para o debate sobre a falta de representatividade negra no meio acadêmico e profissional. Em 2020, o 1º Diagnóstico de gênero na Arquitetura e Urbanismo feito pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU, 2020) demonstrou que 78,14% dos profissionais se autodeclararam brancos, 18,14%, negros (13,81% pardos e 4,44% pretos), 0,21%, indígenas, 1,75%, orientais e 1,75% não informaram. Sabemos que essa composição é bastante diferente daquela encontrada na sociedade brasileira, na qual hoje os negros representam cerca de 56% da população. Entre os estudantes, apesar das políticas de ações afirmativas implantadas nas instituições públicas de ensino, ainda não há muitos estudantes negros nos cursos de Arquitetura e Urbanismo em comparação com a proporção da população brasileira que se autodeclara negra. Além disso, apesar de o número de negros nas universidades ter aumentado em função da política de ações afirmativas, entre os anos de 2000 e 2010, as mulheres e os negros concentram-se em cursos de menor prestígio, ou seja, aqueles que têm menor destaque social e menor remuneração financeira (CRUZ; RODRIGUES, 2021).

2 MEMORIAL DOS AFLITOS: O PROCESSO PROJETER

A experiência que enseja o processo projetual foi aplicada no componente curricular de Projeto da Arquitetura oferecido no segundo semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo do campus São Paulo do Instituto Federal de São Paulo e que tem como objetivo desenvolver o processo criativo e sua aplicação no projeto arquitetônico. Esta foi realizada entre os anos de 2018 e 2022, e neste texto apresentamos os aprendizados que proporcionaram. Em 2021, a experiência foi uma das selecionadas para a Mostra e Prêmio Nacional “Todos os mundos. Um só mundo. Arquitetura 21” durante o XXVII Congresso Mundial de Arquitetos, promovido pela União Internacional de Arquitetos (UIA, 2021). Embora a experiência não tenha sido extensivamente documentada em todos os anos, no endereço





da Mostra é possível ver imagens que ilustram as etapas do processo de construção do projeto de arquitetura pelos alunos na experiência de 2021. O objetivo da proposta desenvolvida era estimular o processo criativo dos estudantes inserindo o estudo das relações raciais por meio da questão específica do apagamento histórico de territórios negros na cidade de São Paulo. Os estudantes foram convidados a discutir e refletir sobre a temática negra, o território, a luta racial e como a arquitetura por meio de um memorial poderia reverenciar e representar os principais aspectos identificados, atendendo os pré-requisitos estabelecidos por um programa de necessidades fornecido como referência. O tema foi proposto como estratégia para estímulo do desenvolvimento da criatividade e o processo educativo foi conduzido pela compreensão de que seria a elaboração dos alunos sobre o tema, a partir de pesquisas, que ensinaria o processo criativo do projeto.

A experiência partiu do interesse e da incontornável necessidade da inserção da temática étnico-racial e da discussão sobre a contribuição da arquitetura também no projeto de arquitetura. A apresentação do tema trouxe a indicação de autoras e autores negros, africanos e latino-americanos tanto nas leituras quanto como nos casos de memoriais estudados como referência. Foi importante notar a aptidão dos alunos para participar das conversas, oriundos que são de uma educação básica que já vem tratando da questão. A partir de discussões sobre lugares de memória, identidade e o direito à cidade, os alunos preparavam inicialmente uma colagem com imagens de referência e palavras-chave que representassem o entendimento sobre o tema e o início de uma síntese dos conceitos que embasariam o projeto. Nesse momento, a frequente recorrência a palavras como dor, sofrimento e esquecimento era aproveitada como oportunidade para se discutir se o que o projeto representaria o negro nessas posições ou se seria oportuno trazer para o projeto aspectos da sua contribuição para a construção da cultura brasileira a partir dos seus saberes e potencialidades, dos quais se sabe pouco ainda hoje. Assim, o debate levava à inclusão de palavras-chave mais positivas, otimistas e que buscavam enaltecer a cultura africana e afro-brasileira (Figura 1).

Figura 1: Nuvem de palavras-chave apresentadas pelos estudantes no processo criativo



Fonte: Elaborada pelos autores, 2021.

A seleção de imagens também invocava certa visão sobre a contribuição africana cristalizada a partir do rústico e do vernacular e se problematizava a questão da deliberada apropriação e do apagamento desses conhecimentos como parte do processo de desumanização dos africanos no processo colonial. Nesse sentido, sendo que “uma das questões centrais que desafia a compreensão, o espírito democrático e a criatividade da universidade é admitir que os antigos escravizados africanos trouxeram consigo saberes, conhecimentos, tecnologias” o desafio estaria “em incorporá-los ao corpo

de saberes que cabe, à universidade, preservar, divulgar, assumir como referências para novos estudos” (SILVA; SILVÉRIO, 2003). Do mesmo modo que com as palavras-chave, a seleção de imagens passava a incluir diversas referências com uma visão positiva para o memorial, representando a luta e a cultura africana e afro-brasileira.

A experiência mostrou que é possível pensar o projeto de arquitetura como local privilegiado de pesquisa, onde os discursos e práticas da história, da teoria e do projeto se cruzam e onde novas metodologias podem ser geradas dentro da própria arquitetura. Além disso, demonstrou que através da inserção da temática das relações raciais em uma disciplina projetual é possível discutir o tema nas várias etapas do projeto, desde o processo criativo, da análise das condicionantes do terreno e da legislação e as técnicas construtivas, até o programa de necessidades, o conceito do projeto, o partido arquitetônico. Os estudantes se apropriaram do tema, realizaram pesquisas sobre os negros, a diáspora africana, as relações afro-diaspóricas e a contribuição dos africanos e afro-brasileiros para um melhor embasamento teórico, explorando o processo criativo a partir das suas descobertas.

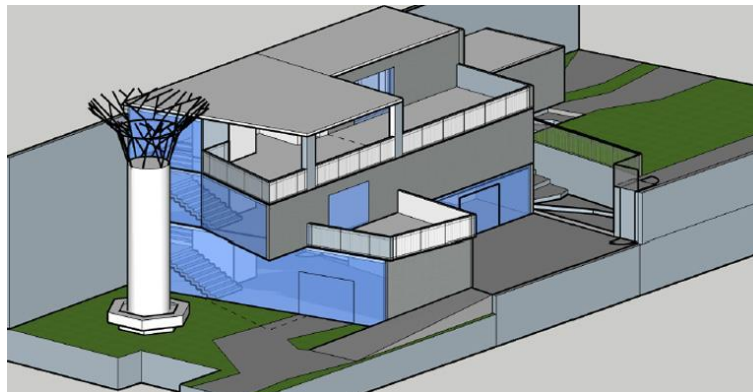
Essa prática didática desenvolveu-se por um processo decolonial e, para além deste, por um projeto afrocentrado. A afrocentricidade questiona ideias epistemológicas enraizadas nas experiências culturais da Europa e é uma forma de pensamento intelectual antirracista, antiburguês e antissexista. A expressão afrocentricidade, cunhada por Asante (2016), tem como conceito principal a “[...] afirmação do lugar de sujeito dos africanos dentro de sua própria história e experiências, sendo ao mesmo tempo uma rejeição da marginalidade e da alteridade, frequentemente, expressas nos paradigmas comuns da dominação conceitual europeia.” (ASANTE, 2016). Essa prática projetual não só rompe com a colonialidade e com o eurocentrismo, como também coloca os africanos e afro-brasileiros no centro, como protagonistas das suas histórias, memórias e identidades.

No início do processo de ensino e aprendizagem foram realizadas discussões sobre a memória negra, suas intersecções com o espaço urbano e a arquitetura. Em seguida, os estudantes participaram de um percurso pelo Bairro da Liberdade, onde puderam vivenciar e assimilar as discussões teóricas por meio de suas experiências e percepções do espaço. No percurso, eram apresentados aos estudantes os territórios negros que ainda podem ser identificados por meio de suas materialidades, bem como aqueles que já foram apagados. Durante esse trajeto era feita uma discussão sobre o direito à memória e à cidade em que se problematizava o papel do poder público no apagamento da memória negra da região e o destaque apenas à oriental. É importante ressaltar que, devido às tensões e às pressões do movimento negro contra o apagamento na Liberdade, em 2022 os estudantes tiveram a oportunidade de observar o novo monumento instalado em homenagem a Madrinha Eunice, uma mulher negra que fundou a escola de samba Lavapés em 1937. Esse monumento foi colocado na Praça Japão-Liberdade, que em 13 de maio de 2023, passou a ser chamada de Praça Liberdade-África-Japão, o que pode ser considerado por alguns mais uma conquista do movimento negro.

A partir do resgate histórico do território negro na Liberdade, da consciência da dor e do sofrimento dos povos africanos escravizados, assim como da rica contribuição para a construção da cidade, cultura e ciência, além da compreensão de questões específicas da arquitetura, os estudantes iniciavam os estudos para o desenvolvimento dos projetos. Na maioria deles haveria a experiência da dor e sofrimento, mas também riqueza, leveza, alegria, cor e festa. Do ponto de vista metodológico, era comum que os estudantes encontrassem mais dificuldades na etapa em que deveriam passar para a materialização projetual. Sem caricaturizar as representações discutidas e trazendo novas contribuições sobre o estudo realizado, transformaram os conceitos em projeto, pensando em soluções a partir da composição plástica, das soluções espaciais e dos processos construtivos e materiais utilizados.

Nesta experiência, os estudantes realizavam os primeiros estudos a partir da execução de maquete do terreno para o entendimento do próprio lote das suas relações com o espaço urbano e os edifícios vizinhos e as ruas que o circundam, destaca-se que era requisito a fruição pública no lote. Posteriormente, iniciava-se a etapa da composição volumétrica do projeto a partir das maquetes de estudo implantadas no terreno. Nestas, os alunos trabalhavam plasticamente os materiais, cores e processos construtivos adotados, mais uma vez impulsionando-os no processo criativo. Por fim, os estudantes expressaram graficamente suas ideias por meio da composição formal da edificação, dos cheios e vazios, das proporções tridimensionais entre os ambientes, texturas, cores, processo construtivo etc. (Figuras 2 a 4).

Figura 2: Projeto dos estudantes



Fonte: Caroline Oshiro e Maria Eduarda Costa, 2021.

Figura 3: Projeto dos estudantes



Fonte: Beatriz Santana e Esther Martins, 2020.

Figuras 3 e 4: Projeto dos estudantes



Fonte: Ana Caroline Santos, Ana Luisa Meijomil e Julia Oliveira, 2022.



Durante o processo foi possível observar a busca dos estudantes em estabelecer uma relação direta da arquitetura com a temática do memorial, tanto a partir da composição plástica, do processo construtivo do edifício, das cores e textura aplicadas nas fachadas, quanto pela experiência que as formas, percursos e proporções propostos teriam o potencial de gerar nos espaços internos. Assim o exercício se desenvolveu, proporcionando espaço para a criação de narrativas da história do povo negro no Brasil a partir da arquitetura, vivenciando as condições e dinâmicas do contexto educacional do projeto de arquitetura e os desafios e oportunidades que apresentam as primeiras experiências o projeto.

Figura 5: Projeto dos estudantes



Fonte: Daniela Spiandorelo e Giovana Souza, 2022.

Figura 6: Projeto dos estudantes



Fonte: Giulia Leite e Thiago Diniz, 2022.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que o ensino das relações étnico-raciais se dá por meio de reflexões sobre o racismo estrutural e científico, sobre a história real, as narrativas criadas sobre ela e o impacto dessas narrativas na sociedade, além da observação das desigualdades sociais e territoriais combinada com reflexões sobre como a arquitetura e quem a produz podem contribuir na luta antirracista. A percepção dos autores indica que do ponto de vista projetual, a inserção do estudo das relações étnico-raciais potencializou o estímulo do processo criativo dos estudantes, que procuravam evidenciar, por meio de soluções de projeto, o conceito que vinham definindo desde o início do processo. Ao resgatar a memória negra no desenvolvimento de estudos para a materialização arquitetônica, desmistifica-se a ideia de que essa discussão possa ser abordada apenas em componentes como artes e história. O processo e resultado mostraram-se muito produtivos, considerando o processo de ensino-

aprendizagem de um projeto arquitetônico de um memorial, assim como das relações étnico-raciais. Assim, entende-se que na questão sobre ‘como’ projetar é possível adotar práticas contra-hegemônicas partindo de uma visão decolonial e afrocentrada. Logo, projetar, hoje, pode ter um sentido reparatório ‘para quem’ foi preterido e teve parte da sua história apagada.

4 AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todos os estudantes que nesses quatro anos passaram por esse componente, com quem trabalharam no aprimoramento não só da proposta didática, mas também na construção de novas perspectivas para o ensino de Arquitetura e Urbanismo.

5 REFERÊNCIAS

ARTES, Amélia; RICOLDI, Arlene. **Acesso de negros no ensino superior: o que mudou entre 2000 e 2010.** Cadernos de Pesquisa, v. 45, n. 158, out./dez. 2015. Disponível em: <https://shre.ink/HI62>. Acesso em: 13 dez. 2020.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia.** Ensaios Filosóficos, v. XIV, 2016.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra.** Revista Sociedade e Estado. Brasília, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://shre.ink/HI6T>. Acesso em: 16 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003.** Disponível em: <https://shre.ink/HI6z>. Acesso em: 25 mar. 2021.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO (CAU). **Gênero na Arquitetura e Urbanismo.** Disponível em: <https://shre.ink/HI48>. Acesso em: 25 mar. 2021.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE). **Resolução nº 1 de 17 de junho de 2004.** Disponível em: <https://shre.ink/HI6n>. Acesso em: 1 nov. 2018.

CRUZ, Francieli; RODRIGUES, Giselly. **Negros e mulheres na Arquitetura e Urbanismo.** In: Jeanine Mafra Migliorini (Org.). Divergências e convergências: Arquitetura, urbanismo e design. Ponta Grossa: Atena, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/HsU4>. Acesso em: 17 set. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **Quilombismo: um conceito científico histórico-social.** In: O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. Brasília: Fundação Palmares; Rio de Janeiro: OR Editor Produtor, 2002. Disponível em: <https://shre.ink/HI6M>. Acesso em 28 mar. 2021.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder: eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <https://shre.ink/HITR>. Acesso em 17 set. 2020.

SILVA, Petronilha; SILVÉRIO, Valter et al. **Educação e ações afirmativas: Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003. Disponível em: <https://shre.ink/HITa>. Acesso em 25 mar. 2021

UNIÃO INTERNACIONAL DOS ARQUITETOS (UIA). **Memorial dos Aflitos.** UIA2021RIO. Mostra e Prêmio Nacional. Disponível em: <https://shre.ink/HsU8>. Acesso em 7 mar. 2022.